

Mulheres capitãs de ternos de congadas: breve reflexão sobre as relações de gênero em Santo Antonio do Monte (MG)¹

Francimário Vito dos Santos – Doutorando do Curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC – MG)

Resumo: A participação de mulheres na função de capitã de ternos de congadas durante a festa de reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito nem sempre foi uma atividade comum na cidade de Santo Antonio do Monte (MG). Trata-se de uma celebração cujo registro ultrapassa mais de um século e meio de existência. Os grupos são compostos por dançadores e dançadoras, conhecidos por ternos de congadas, que com seus bailados, batuques e cantigas homenageiam os santos padroeiros, no mês de agosto. Seus membros seguem o comando de um capitão que é o guia do terno nas canções, dança e gestos. Na estrutura tradicional e hierarquizada dos grupos as posições e os espaços ocupados pelas mulheres se restringiam basicamente ao desempenho de posições como dançadeiras, cozinheiras das comidas oferecidas aos congadeiros/as, rainhas perpétuas, rainhas congas e rainhas festeiras e ornamentadoras dos altares dos santos. Isso significa que a função de comando era de domínio apenas dos homens. A partir da década de 2000, têm-se um novo cenário no campo das relações de gênero, no que tange à estrutura dos ternos. É quando novos grupos são fundados e têm sob o comando a participação de mulheres, assumindo o posto de capitã. Dentre os vinte e três ternos de congadas existentes na cidade, três são comandados por mulheres. São eles: Congada As Meninas do Rosário, Congada Rosário de Maria e a Congada Filhas de Maria. Cabe ressaltar que, as atuais capitãs tiveram, desde criança, uma vivência próxima com algum parente capitão de ternos de congadas, o que sugere, nesse caso, a existência de relações de trocas de saberes. Diante do exposto, o objetivo desta comunicação é refletir sobre as relações de gênero no contexto dos festejos de reinado, sobretudo no que diz respeito à atuação de mulheres na liderança de grupos. Enfim, o intuito é perceber com base nas entrevistas com as capitãs suas trajetórias, dificuldades e desafios enfrentados no cotidiano, por estarem no comando de ternos de congadas.

Palavras-chave: Relações de gênero; Festa de reinado; Congadeiras.

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

Introdução

Este ensaio aborda as relações de gênero a partir dos papéis desenvolvidos por mulheres e homens durante os festejos de reinado em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, realizados em Santo Antonio do Monte – MG, mais especificamente no que tange ao posto de *capitãs de ternos de congadas* que algumas mulheres passaram a ocupar a partir do início de 2000. Meus questionamentos foram surgindo à medida que as leituras sobre tema avançavam. Percebi que havia pouca ou quase nenhuma referência a mulheres atuando em cargos de lideranças de grupos de congadas como, por exemplo, *capitã de terno*. Essa posição era majoritariamente ocupada por congadeiros homens. O mais comum era, e ainda é hoje, que as mulheres ocupassem as posições de rainhas (perpétua, conga e festeira), princesa ou bandeireira. Cabe à bandeireira, por exemplo, conduzir a bandeira do terno durante as apresentações que o grupo faz pelas ruas da cidade. Fora isso, era delegado a elas o preparo das comidas, a confecção das fardas dos dançadores, a ornamentação dos andores dos santos e outras tarefas delegadas às mulheres no contexto da festa.

Para aprofundar as discussões sobre a participação das mulheres na festa de reinado entrevistei três capitãs que, nos dias atuais, lideram ternos de congadas na cidade. Usei também dados etnográficos que venho coletando sobre o tema desde o ano de 2014.

A festa de reinado diz respeito aos ritos que homenageiam os “santos negros” e recebem várias denominações no Estado tais como *congada*, *congado*, *catopé*, *congos e reinado*, o que demonstra a diversidade que paira sobre essa expressão religiosa-cultural. O termo *congada*, embora se apresente como uma nomenclatura êmica, na verdade foi cunhado por folcloristas como Ramos (1935, 1940), Carneiro (s/d), Cascudo [1954 (2001)]. Portanto, trata-se de uma celebração que representa o mito de coroação de Nossa Senhora do Rosário e, ao mesmo tempo, o coroamento dos reis e rainhas congos, perpétuos e festeiros. Optei pelo uso do termo *reinado* porque é ele que institucionaliza o posto de “reis e rainhas” e também porque em Santo Antônio do Monte e outras cidades do centro-oeste mineiro, tais festividades são conhecidas como reinado.

De acordo com Patrícia Trindade Maranhão Costa (2012) os congados são manifestações artísticas e religiosas vinculadas ao pantaleão das figuras santas de Nossa

Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. “No entanto, afirma a autora “foi a aparição de Nossa Senhora do Rosário que instaurou as comemorações atualmente marcadas pela participação dos ternos” (COSTA, 2012, p. 67). Os ternos compostos por congadeiros/as conduzem os integrantes da corte em procissão pelas ruas da cidade. A sena do cortejo permite que sejam feitas diversas leituras. Uma delas pode ser centrada na devoção dos fiéis aos santos, a outra, remete ao poder simbólico materializado nas vestes de pompas e indumentárias que a corte usa. Isso permite que sejam estabelecidas conexões com o imaginário do que foi a elite locais de épocas remotas, e que se perpetua nos dias atuais. Nesse sentido remeto-me a Clifford Geertz (1989) quando diz que a cultura é como um texto, pois cada sujeito, dependendo do contexto em que está inserido, fará uma interpretação diferente e, conseqüentemente, obterá significados também diversos.

O reinado apresenta hierarquias próprias, regras disciplinares e atores sociais com papéis definidos. Além disso, comporta uma gama de ritos como levantamento dos mastros, coroamento de reis e rainhas perpétuos, reis e rainhas festeiros², pagamento de promessas, cortejos, procissões e missa conga. Embora para os congadeiros a figura de Nossa Senhora do Rosário esteja presente em todos os momentos dos festejos de reinado, segundo Costa (2012) ela está presente principalmente nas *coroas* usadas pelos reis e rainhas e festeiros durante as comemorações.

Em Santo Antonio do Monte, o pagante de promessa interessado a ocupar o “lugar de rei” mais que querer pagar promessa, precisa entrar em uma lista de espera organizada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário para “pegar a coroa” e arcar com a quantia de aproximadamente dezoito mil reais. O investimento é destinado ao patrocínio de refeições ofertadas aos vinte e três ternos de congadas em atividade, cada um contendo em média cinquenta integrantes, além de convidados. Nesse sentido, os reis e rainhas festeiros são vistos como um dos fatores que asseguram a continuidade dos festejos, por proverem sua materialidade.

Parte significativa da literatura produzida por pesquisadores brasileiros, que dispenderam esforços intelectuais para compreender as dinâmicas dos festejos de reinado e também sobre as congadas, especialmente na região central do país, nos

² “O principal motivo para ser *festeiro* [conhecido também como rei ou rainha festeiros] ou *pegar uma coroa* na festa de São Benedito ou Nossa Senhora do Rosário é o pagamento de promessa” (COSTA, p. 73. Grifo meu entre parênteses). No meu caso especificamente, tenho dúvida se o que motiva os participantes a se tornarem festeiros seja apenas o pagamento de promessas. Pretendo com o aprofundamento das investigações observar melhor esse fenômeno.

estados de Minas Gerais e Goiás, evidenciam a participação das mulheres no folguedo assumindo apenas posições de rainhas perpétuas, rainhas festeiras, devotas pagantes de promessas e dançadoras. Entre os autores que contribuíram com as pesquisas sobre o tema inclusive se utilizando, em alguns casos, do método etnográfico para abordar a complexidade dos processos que envolvem os significados das festas de reinado e seus inúmeros ritos, destacam-se aqueles que realizaram estudos no campo do Folclore.³ Nesse sentido, evidencio os escritos de Arthur Ramos (1935, 1940), Mário de Andrade (1959), Câmara Cascudo ([1954], 2010), Edson Carneiro (s/d) e outros. Segundo Luís Rodolfo Vilhena (1997), as contribuições dos folcloristas foram cruciais para a definição de um discurso político de nacionalidade brasileira ou “cultura brasileira”, e obviamente para respaldar a importância da cultura afro-brasileira. Percebe-se, por outro lado, que, já na segunda metade daquele século começam a surgir publicações produzidas no meio acadêmico sobre o reinado (BASTIDE [1960] 1971; RABAÇAL, 1976; BRANDÃO, 1978, 1987, 1989; GOMES E PEREIRA, 1988).

Especificamente a respeito da participação de mulheres nos ternos congadas questiono se não há de fato registros etnográfico ou histórico que evidenciem a existência de delas na liderança desses grupos ou se essa escassez foi intencional, com objetivo de omiti-las enquanto líderes. Será que, por se tratar de uma prática que permite à mulher assumir posições de poder fora do espaço privado, a supremacia masculina não tratou de colocá-la em situação de subordinação ao comando da figura do capitão de congada?

Portanto, o propósito desse artigo é introduzir uma reflexão sobre possíveis relações entre homens e mulheres a partir da participação de congadeiras no posto de capitã de terno de congada. Seja através da literatura que aborda sobre o tema seja em pesquisas exploratórias que realizei, o que ocorre com maior frequência na festa de reinado como expus anteriormente, são as mulheres na posição de rainhas perpétuas, rainhas festeiras e dançadoras integrantes dos ternos. Raramente elas assumiam ou assumem posições de poder, com a mesma regularidade que é destinada aos homens. E, para compreender tais relações entrevistei três capitãs de ternos de congadas da cidade. A primeira entrevistada é a capitã do terno “As meninas do Rosário”, Janaina Maria de Sousa Oliveira, 34 anos, casada, católica, mãe de dois filhos, ensino médio completo,

³ A partir das primeiras décadas do século XX muitos pesquisadores do campo do Folclore realizaram estudos sobre as “congadas”, termo inclusive que acabou sendo utilizado para nomear, em muitas regiões dos estados do Centro Oeste, os festejos em homenagem à Virgem do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.

desempregada. A outra entrevistada que comanda o grupo “As filhas de Maria” é Gracielle das Dores Camargos, 33 anos, católica, casada, mãe de um filho, estudante universitária e funcionária pública municipal. Por último, entrevistei Aparecida Gonçalves Ferreira, conhecida como Tida, que possui ensino fundamental completo, 41 anos, católica, casada, mãe de três filhos e operária de fábrica de fogos. Ela mantém juntamente com a família a congada “Rosário de Maria”. Todas as capitãs são naturais de Santo Antonio do Monte.

Mulheres na congada: de dançadoras à capitãs

Como já mencionei anteriormente não é comum aparecer nos estudos sobre os festejos de reinado mulheres no comando de ternos de congadas. Geralmente, cabe a elas participarem de atividades mais ligadas à organização e preparos dos festeiros como ornanetação, limpeza, preparação das comidas. Quando não são rainhas, princesas, bandeireiras e dançadoras. Então, foi justamente por perceber essa realidade no reinado da cidade que optei por problematizar as relações entre homens e mulheres sobretudo a partir dos ternos de congadas que são liderados por congadeiras. Embora os cortes comandados por capitãs sejam majoritariamente compostos por mulheres, há a presença de alguns homens que se encarregam por tocar os instrumentos de percussão como sanfonas, tambores e caixas. As mulheres os acompanham batendo pandeiros.

Uma leitura mais contemporânea sobre as congadas, e que aborda a recente presença de mulheres em cargos de liderança no folguedo, é apresentada por Patrícia Trindade M. Costa (2012), na obra “As raízes da congada: a renovação do presente pelos Filhos do Rosário”, cuja pesquisa foi realizada na região do Alto Paranaíba, mais especificamente sobre as congadas do município de Serra do Salitre (MG). Embora o objetivo da pesquisa da autora não fosse especificamente um recorte de gênero, meus questionamentos a respeito da temática no âmbito dos festejos de reinado, no que tange às lideranças de algumas mulheres nos ternos de congadas, dialogam de certa maneira com fatos que ela observou em sua pesquisa. Nesse sentido, segundo constatou a autora as lideranças de ternos, diga-se, os capitães, são tradicionalmente masculinas. Em seguida ilustra sua afirmação com base em evidências etnográficas, de modo que

como não é comum a presença de mulheres nas funções de comando nos ternos de tradição, não há uma denominação precisa para designar as mulheres nessa posição de chefia. No caso da Serra do Salitre, é

raro atribuir à dona Neuza o título de “capitã”, embora seja possível ouvi-la assim denominar-se. Neuza é pensada primeiro como rainha perpétua da festa de São Benedito e depois como comandante do terno ao lado do marido (COSTA, 2012, p. 143).

Conforme observações participantes que realizei durante a festa de reinado, no período 2014 até 2017, percebi que a maioria dos postos de liderança de ternos de congadas era ocupada por capitães homens. Evidências que permitiram a mim fazer os seguintes questionamentos: os homens sempre assumiram essa posição? Como as mulheres chegaram a assumir tal destaque? Como elas passam a ser vistas depois de se tornarem capitãs? Como elas se percebem enquanto líderes de um grupo? Há uma maior cobrança, pelo simples de fato de serem mulheres, por parte da irmandade e da comunidade? Como as capitãs administram o trabalho doméstico, a função de mãe, trabalhadora assalariada e o novo posto/função? Enfim, tratam-se de algumas inquietações que são pertinentes para problematizar a posição de capitã de congada sob o ponto de vista das relações de gênero.

Dos vinte e três ternos de congadas existentes na cidade, vinculados à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, quatro estão sob à liderança de mulheres. São eles: “Filhas de Maria”, “As meninas do Rosário”, “Rosário de Maria⁴”. Como descrevi acima, tradicionalmente coube às mulheres a ocupação dos cargos de rainha perpétua, rainha festeira e dançadora, postos que não exigiam delas poder de liderança e comando. Geralmente “cabia a elas exclusivamente o cuidado com os uniformes e com a alimentação dos congadeiros antes da performance” (COSTA, 2012, p. 143).

Hoje já se percebe algumas mudanças na hierarquia interna dos festejos de reinado. A prova disso é que “as mulheres emergem não só como dançarinas, mas também como lideranças dos grupos, em decorrência de muitos homens, por motivos de doença, bebida, ou velhice, tornarem-se aos poucos incapazes de chefiar seus ternos” (COSTA, 2012, p. 143). Pelo que constatei durante as entrevistas realizadas com as três capitãs, os motivos que as levaram a chefiar os grupos diferem daqueles apontados pela autora. Conforme mencionou a capitã Janaína, suas primeiras aproximações com os festejos de reinado foram através de seu avô, já falecido, que era moçambiqueiro, integrante do terno de moçambique Nossa Senhora do Rosário - Otaviano Piriá, em

⁴ A congada São Benedito, também comandada por mulheres (mãe e filha), foi autorizada e pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em 2018. Não houve tempo hábil para que fosse realizada entrevista com as capitãs. Portanto, para fins de discussão deste artigo, trabalharei apenas com três capitãs.

plena atividade nos dias atuais. Também relembra o fato de ter residido no centro da cidade, próximo ao *galpão* (sede da Irmandade), quando acompanhava todo o movimento durante os festejos. Isso demonstra que ela cresceu convivendo entre os congadeiros, o que permite pensar na existência de um processo de sucessão familiar como pano de fundo. Embora a jovem capitã convivesse com parentes dançadores e devotos dos santos festeiros desde a fase de criança, é somente na fase adulta que começa a dançar nas congadas.

Quando eu me aproximei mesmo e tive vontade de dançar, foi quando conheci o meu marido, já moça. Minha mãe foi pagar uma promessa de café [oferecer uma café para os dançadores], e a congada dele é que foi pra lá [Congada Jovem Santa Lúcia]. Então eu já tinha vontade, mas nunca tive aquela ambição. Aí, a gente começou a namorar, e eu comecei a dançar na congada dele. Eu dancei uns três ou quatro anos, depois eu dancei um ano na congada de “Zé Alexandre”. No ano seguinte, em 2003, foi formada a nossa congada “As meninas do Rosário” (Capitã Janaína, 2017. Grifos meus entre parênteses).

Assim como observou Costa (2012), que a composição de ternos de congadas liderados por mulheres é uma prática recente, situação semelhante ocorre no meu contexto de pesquisa, conforme averigui nas entrevistas e através de conversas com as pessoas mais antigas da cidade. No reinado de Santo Antonio do Monte, a presença de mulheres capitãs de congadas só teve início nos idos dos anos 2000, mais especificamente a partir de 2003, com a formação do grupo “As meninas do Rosário”, liderado pela capitã Janaína. Em seguida, no ano de 2004, foi a vez da criação da congada “As filhas de Maria”, que tem como líder pela capitã Gracielle. Em 2016, surgiu a congada “Rosário de Maria”, sob o comando da capitã Tida e, mais recentemente, a congada “São Benedito”, comandada por Viviane e sua mãe, criada em 2018.

Além das reflexões levantadas por Costa (2012), outros/as pesquisadores/as têm demonstrado interesses por investigar as realções de gênero, ou seja, a participação de mulheres nos folguedos populares e manifestações da cultura popular. Entre a gama de produções acadêmicas sobre o tema destacam-se: “As relações de gênero nas congadas de Catalão/GO”, de Marise Vicente de Paula e Alex Ratts (2009); “Cantadoras e repentistas do século XIX: a construção de um território feminino”, de Francisca Pereira dos Santos (2010); “Mulheres repentistas: cantadoras emboladoras e mestra de maracatu de baque solto”, de Laercio Queiroz (2014); e “Mestras da cultura popular: a presença

feminina nas brincadeiras populares em estados do Nordeste, a atualidade”, de Mariade Lourdes Pereira de Medeiros (2016). Mais que evidenciar a ausência ou escassez de mulheres em posições de lideranças nos grupos, é interessante destacar que se trata de uma realidade recente. No contexto específico do tema aqui abordado, as capitãs de congadas, a inserção delas só ocorre a partir da década de 2000.

A aproximação da capitã Gracielle com os ternos de congadas aconteceu ainda na fase de criança. Começou acompanhando seu pai, capitão da congada do “Nego”, uma das mais antigas da cidade, com mais de 30 anos e em plena atividade. “Eu nasci no reinado, desde pequena eu dançava na congada de meu pai. Foi onde surgiu minha paixão pelo reinado, e estou até hoje” (Capitã Gracielle, 2017). Conforme relatou-me, a ideia de comandar uma congada surgiu através de seu pai. O fato de haver muitas mulheres no terno dele a incentivou a formar um grupo composto só por mulheres, e que ela seria a capitã. Na época, em 2004, por ser muito jovem, deveria ter entre quinze e dezesseis anos, achava que não ia dar conta. De início seu pai a ajudava durante as visitas e nas cantigas de agradecimento. Até hoje ela conta com a colaboração de um homem que ajuda na organização do grupo, porém fez questão de enfatizar que a congada é dela e que, portanto, é ela quem responde pelo grupo perante a irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

A trajetória de iniciação da capitã Tida, cuja congada foi formada em 2016, apresenta algumas semelhanças com as outras líderes. Como por exemplo, o fato de que todas são mulheres jovens, na faixa dos quarenta anos, mães, de religião católica e exercem atividades profissionais e domésticas. Antes de estar capitã, a congadeira brincou em vários ternos de congadas da cidade.

Tinha doze anos, quando comecei dançar com meu pai na congada de “Luiz Carolino”. Depois fiquei quatro anos na congada do Jorge, em seguida dancei na congada do capitão Pontinele [congada Jovem Santa Lúcia], durante dez anos. Foi lá que conheci meu ex marido e começamos a namorar. Hoje ele é capitão da congada do “Josué”, juntamente com André, meu cunhado. Eu ajudei em todas as congadas que passei. Eu tinha a responsabilidade da marcação das congadas, cuidava das crianças. A gente sabe a maneira certa de fazer. Por exemplo, se te falo, você vai ser o meu major. O major tem que te ajudar a cuidar das crianças, dar o lanche, levar ao banheiro. Preocupar-se em ver se tem crianças no bar ou na rua (Capitã Tida, informação verbal, 2017).

Uma passagem interessante na sua fala, e que se entrecruza com trajetória da capitã Janaína, diz respeito ao fato de elas terem conhecido seus maridos durante os festejos de reinado, mais especificamente dançando nos ternos congadas. Atualmente o marido da capitã Janaína é dançador-guia do terno de congada ‘Jovem Santa Lúcia’, da mesma forma que o ex marido da capitã Tida é capitão de terno. Embora em suas falas não se evidencie a existência de um aprendizado sistemático a respeito de como se deve conduzir um grupo de dançadores, suponho que nos preparativos da festa que acontecem durante o ano inteiro hajam trocas diversas contribuam para o aprimoramento da prática.

Outro elemento importante presente na fala da capitã Tida relaciona-se com a experiência do cuidado com crianças dançadoras do terno - dar o lanche, levar ao banheiro etc. Talvez a experiência da maternidade e as múltiplas experiências em várias congadas por onde transitou, inclusive no trato com as crianças dançadoras, renderam-lhes o posto de capitã.

A saga de ser capitã

Início o tópico questionando sobre o significado do gênero como estrutura de poder. Afinal de contas, como o poder da masculinidade se impõe sobre o feminino? Em outras palavras, como se evidencia, embora em alguns casos ocorra de forma sutil, a soberania masculina no dia a dia de mulheres congadeiras? Certamente não se trata de uma questão de resposta fácil e rápida, o que não cabe neste ensaio, cujo propósito é apenas introduzir uma reflexão acerca das relações de poder entre os sexos, especificamente no que tange a participação das mulheres na liderança de ternos de congadas.

Para ajudar compreender essas questões cabe ouvir o que alguns teóricos/as têm a dizer. Segundo Rubin (1993), cria-se duas categorias dicotômicas (feminino e masculino), mas o que está em jogo são categorias de poder. A mulher esteja ela em qualquer cargo poder, por usar outras formas de comandos diferentes das utilizadas pelo homem, e cujos resultados não sejam satisfatórios, é logo criticada e insultada simplesmente pelo fato de ser mulher. Para exercer a liderança no ramo empresarial, espaço “naturalmente” masculinos, ela precisa se utilizar de atributos geralmente associado à figura masculina como autoritarismo, imagem de uma pessoa grossa, violenta e mal educada entre outros comportamentos que socialmente são vinculados à

figura masculina. Ou seja, o simples ato de ser mulher a impossibilita de assumir as atividades que foram definidas com o sentido de responsabilidade de um único sexo, o masculino.

Um estudo realizado sobre as relações de poder entre os sexos que contribui para entender as relações de gênero, é fornecido por Salem (1981), a partir de uma pesquisa etnográfica com 17 mulheres moradoras da Rocinha, favela localizada em um morro da zona sul do Rio de Janeiro. Interessada em compreender o sentido apresentado pelas colaboradoras sobre “o que é ser mulher”, a autora mostra que, em geral, a mulher é vista em relação ao homem sempre de uma posição de subordinação e inferioridade. Para Salém (1981) a família emerge como a esfera prioritária de identificação feminina, e o fato de o homem ser mais liberto se liga a ideia de ter menos compromisso com a família. O diagnóstico apresentado por Salém (1981) é bastante significativo e consegue abarcar de forma contundente o contexto das relações de gênero presentes entre as capitãs de ternos de congadas em Santo Antonio do Monte.

Essa discussão além de evidenciar os mecanismos de construção da ideia de superioridade do masculino sobre o feminino, e que não se trata apenas de ideias dicotômicas, longe disso, mostra a lógica estruturante da relação de poder entre os sexos. O corpo da mulher é o locus da opressão já que, segundo Stolke (1991), ele é regido pela reprodução, fator fundamental para enfatizar as diferenças entre homem e mulher. Além do mais o discurso tem poder, pois é através dele que as questões de gênero, sobretudo a subordinação da mulher ao homem podem ser reforçadas.

É com base nas ideias expostas acima e nos discursos das mulheres capitãs de ternos de congadas, que discuto a posição delas no exercício de funções de comando. O primeiro ponto a destacar-se diz respeito à conduta moral que todos os líderes de terno devem demonstrar perante às normas estabelecidas pela Irmandade, descritas no estatuto da instituição. Compete ao líder do grupo independente se é homem ou mulher “à observação da disciplina e à organização coletiva do grupo” (SILVA, 2014. p. 146). Após o capitão ou capitã assumir o cargo ficará sob a vigilância⁵ da irmandade, por um período de três anos. Como enfatiza uma das capitãs, “nos dias de reinado, qualquer coisa que aconteça com sua congada, e ela esteja fardada, a responsabilidade é sua, da diretoria da congada”. (Informação verbal, Julho/2017). Somente após esse tempo é que

⁵ Uma espécie de estágio pelo qual todos/as capitães/ãs são submetidos/as.

o terno passa a ser de fato do capitão ou da capitã. Enquanto isso, é preciso cumprir algumas obrigações como respeitar a agenda das visitas impostas pela diretoria da irmandade (cumprir os horários e as distâncias), não faltar às reuniões, não frequentar bares, não exceder-se na bebida. Pelo que pude apurar, são ações, algumas de cunho moral, que permite pôr à prova a capacidade de liderança da pessoa que está no comando do grupo. Porém, percebi nas falas de algumas das entrevistadas que há diferenças na forma que a irmandade vigia o capitão e a capitã, no período de avaliação.

Conforme enfatiza a capitã Janaína, as mulheres ao assumirem o posto de líder de terno de congada enfrentam mais resistência que os homens. “Nos primeiros anos a gente foi mais vigiada, não sei se por acharem que a gente queria mandar, ou se é por pensar que a mulher é inferior, não sei te falar” (Capitã Janaína, 2017). A capitã Gracielle, por sua vez, também pensa que há tratamentos diferenciados para homens e mulheres, embora sejam *sutis*. Ela atribui a desconfiança dos congadeiros, da irmandade e da comunidade ao simples fato de ser uma mulher que está ocupando um espaço tradicionalmente masculino.

Às vezes a gente percebe. Falam que a congada de mulher é lenta, que a gente não vai dar contar, se a gente sabe cantar bem. No início teve alguma coisa sim, porque as congadas femininas são mais recentes e olhavam com desconfiança. Mas hoje em dia melhorou muito (Capitã Gracielle, informação verbal, julho/2017).

As duas situações apresentadas ilustram de forma emblemática o que é ser mulher ocupando espaço de liderança de terno de congada. Sempre vão ser olhadas com desconfiança, e que para isso terão que a todo instante estar provando sua competência. Com a capitã Tida não foi diferente, pelo visto teve de enfrentar não apenas as sutilezas impostas pelas desconfianças das outras pessoas: “Tive que falar com muita gente, com pessoal de outras congadas que achavam que a gente ia atrapalhar. O reinado é bom, é religioso, mas tem muita gente má” (Capitã Tida, informação verbal, julho/2017). Já de início as falas reforçam significativamente o pensamento de Scott (1996, p. 12), quando afirma “que o gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado”.

No que tange ao termo *sutil*, sugerido pela capitã Gracielle, em referência ao modo como os homens e as instituições percebem as mulheres, Barbieri (1993, p. 02), afirma que “a subordinação que afeta todas as mulheres é uma questão de poder. E que esse poder não aparece apenas em forma de autoridade, mas através de sentimentos

nobres de afeto, ternura e amor”. Isso remete à dimensão simbólica das relações de poder que se estabelecem não apenas entre os sexos nos diversos campos das vivências, mas entre as relações de classe, etnias etc., e que Bourdieu (1989) denomina de “poder simbólico”. Para o autor trata-se de um “o poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem do mundo social” (BOURDIEU, p. 09). Ou seja, é um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem.

Uma situação interessante que aparece na fala da capitã Janaína, e que dialoga com a desigualdade entre os gêneros diz respeito ao acúmulo de funções que geralmente as mulheres ocupam no espaço doméstico e que, por sua vez, não as permitem e/ou dificultam que elas desempenhem outras atividades no espaço público como dançar em terno de congada.

A grande dificuldade por ser mulher congadeira é que quando ela cresce, namora, casa e tem filhos, vem os afazeres de casa. A gente perde muitas dançadoras por causa disso. Diferente do homem que não tem outros compromissos além do trabalho, a mulher tem de cuidar dos filhos, da casa, do marido... Não vemos as meninas que cresceram na congada continuarem nela quando se tornam adultas. Quando adultas muitas desistem, são poucas as que ficam. Quando você pensa que a congada está formada, estabilizada, uma delas se casa, a outra engravida, e outras deixam de brincar por causa dos maridos ou porque não tem mais tempo (Capitã Janaína, informação verbal, julho/2017).

A ênfase no trabalho doméstico como sendo ainda uma tarefa imposta unicamente às mulheres é uma máxima nas falas de todas as capitãs. É importante mencionar que tal convenção está relacionada diretamente com divisão social do trabalho, na qual à mulher caberia cuidar dos afazeres domésticos, que são muitos, e ao homem prover a prole, buscando trabalho no espaço público, na fábrica, por exemplo. Para conseguirem participar dos festejos, as capitãs afirmaram que buscam ajuda de familiares, amigas e da vizinhança para auxiliarem no cuidado com as crianças e também no cuidado com a casa, enquanto estão se dedicando à festa de reinado. É importante ressaltar, que o fato de terem dançado o dia e parte da noite, não as eximem das responsabilidades domésticas. Pois ao término das obrigações festivas diárias, ao chegar em casa, elas precisarão deixar a casa em ordem para retornar à festa no dia seguinte.

Ao contrário do que se pensa a grande questão, no caso das capitãs, não está no fato de se tratar de uma atividade tradicionalmente marcada pela presença masculina nos cargos de liderança. Obviamente que isso também se coloca como mais um desafio a ser enfrentado pelas mulheres. Mas a maior questão está na enorme cobrança que recai sobre as mulheres, tanto no âmbito do espaço público (capitãs de terno), onde elas precisam se desdobrar para mostrar que são capazes, como também no espaço privado, *locus* dos afazeres domésticos. “A única diferença é que a gente fica mais cansada, pois além de brincar no reinado, quando chega em casa tem as tarefas domésticas para fazer, como eu que tenho filho e marido” (Capitã Janaína, informação verbal, Julho/2017). A capitã Tida, que concilia o trabalho na fábrica de foguete, com os afazeres de mãe e esposa também reconhece que a mulher é mais sacrificada que o homem. “A capitã mulher tem mais responsabilidades, pois além do serviço de casa, tem que ser boa no que faz fora de casa. O pai de meus filhos, por exemplo, vai desancar ou vai para um bar” (Capitã Tita, informação verbal, julho/2017).

Um dos muitos desafios enfrentados pelas mulheres nos dias de hoje, e que são muitos reside no fato da necessidade de provar a todo instante que são capazes de exercer atividades, que escolheram para realizar na esfera pública. E que, no contexto de mulheres à frente de ternos de congadas não será diferente, conforme demonstram as capitãs com as quais mantive contato.

Eu acho que a gente ainda precisa mostrar, eu acho que eles [capitães, diretoria da irmandade] ainda não acreditam na gente não. Por exemplo, nós percebemos que somos observadas a todo o momento. Graças a Deus recebemos muitos elogios, mas têm pessoas que falam mal. Não sei porque sentem tão incomodados com a gente” (Capitã Janaína, informação verbal, julho/2017).

A referida fala ilustra de forma contundente o sentido de gênero como estrutura de poder, apresentada por Scott (1996), na qual destaca que nem os homens nem as próprias mulheres sabem lidar com a mulher em posto de liderança.

É interessante frisar ainda que a desconfiança que recai sobre a competência das mulheres, questionando-as quanto à capacidade de assumirem cargos de liderança, não como parte apenas de um dado grupo de homens ou de mulheres, é de toda a sociedade. Nesse sentido, o fato torna-se mais pesado, pois a cobrança é generalizada.

As pessoas ainda ficam surpresas quando vê um terno comandado por uma mulher. Isso a gente nota até em cidades de fora. Até que lá em Araújos⁶ pediram pra gente ajudar eles a formarem uma, mas não sei se desistiram, não entraram mais em contato” (Capitã Janaína, informação verbal, julho/2017).

A desconfiança que paira sobre a capacidade de a mulher no exercício de funções no espaço público, algumas vezes pode adquirir nuances pejorativas. A mulher, mesmo que seja para homenagear aos santos, andar pelas ruas dançando, pode ser vista por algumas pessoas como “desocupadas”. “Ao invés de estarem na rua deveriam estar em casa cuidando dos afazeres do lar”, pensam alguns, afirma a capitã Janaína. É a sociedade lembrando que seu *habitat natural* é o espaço doméstico. Obviamente que embora ainda exista esse eco da coletividade, a trajetória do movimento feminista tem mostrado que o lugar das mulheres é o que elas quiserem.

Muita gente não entende o que é o reinado, eles acham que é uma festa qualquer, e pensam “elas vão deixar a casa delas pra dançar, brincar na rua...”. Igual esta parte da bebida atrapalha muito as vistas do reinado. Muita gente fala “é, aquele povo que fica bebendo e andando na rua, o povo que só quer beber, cachaceiro”. Ainda fazem hora, “povo que só sabe beber e comer pelota”. Tem as meninas que gostam de beber, não igual aos homens, mas a gente fala “pelo amor de Deus, gente, não bebam, se beber é uma dose, e com muito cuidado”. Nunca aconteceu de uma das nossas meninas ficarem tontas, nem sei o que ia acontecer (Capitã Janaína. Informação verbal, Julho/2017).

Embora todos os olhares sejam direcionados para “vigiar e punir” as mulheres, no sentido foucaultiano da palavra, elas se articulam em redes no cuidado umas com as outras. Conforme percebi na fala de uma das entrevistadas “mesmo que a criança não seja membro da congada, a mãe leva a criança, e a gente cuida, dar carrinho, dar a mamadeira, troca de fraudas” (Capitã Tida, informação verbal, julho/2017). Outra questão não menos importante e que contribui em benefício de algumas mulheres da cidade, diz respeito ao tema gênero e trabalho. Os festejos de reinado são responsáveis por movimentar o ramo de serviços como costura, por exemplo. Nessa época as costureiras recebem muitas encomendas para confeccionar as fardas dos/as integrantes de ternos de congadas. “Aquece muito a economia local. Pra ter uma ideia este ano a

⁶ Na cidade de Araujos, distante a 40 km de Santo Antonio do Monte, também há festa de reinado, o que propicia um circuito de congadeiro.

costureira vai cobrar 90,00 reais só pra fazer a farda. E como a mulher é muito detalhista, até nisso gastamos mais. A minha farda vai ficar o dobro do preço que a do meu marido. Dá um lucro muito bom” (Capitã Janaína, informação verbal, julho/2017).

Alguns conceitos-chave que aparecem nos discursos das capitãs como solidariedade e formação de renda, são fundamentais para promover a autonomia das mulheres. Conforme mostram os escritos sobre as questões de gênero há muito ainda para se fazer até que as desigualdades entre os gêneros cheguem a um patamar desejável.

Algumas Considerações

Conforme propus no início do artigo, que é refletir sobre as relações de gênero no contexto da festa de reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santo Efigênia em Santo Antonio do Monte (MG), especificamente no que tange à presença de mulheres na liderança de ternos congadas, e que tem com foco as falas de três capitãs, é possível perceber que não se trata de uma posição “naturalizada”, portanto aceitável como é no caso de capitães homens. Embora as mulheres tenham ganhando espaço e autorização por parte da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário para assumirem tal liderança, há diversas manobras e regras morais que dificultam sua permanência na função de capitã. Regras essas que se apresentam como dificuldades constantes e insistem em fazer parte do dia a dia das capitãs como as tarefas referentes às obrigações com o grupo e obrigações domésticas e, até o excesso de autovigilância de condutas morais.

Por outro lado, é possível perceber que tratam-se de mulheres jovens, mães, e que desempenham dupla jornada de trabalho. Duas delas, por exemplo, são operária e servidora pública municipal, como é o caso das capitãs Tida e Gracielle. Além disso, todas as três possuem em comum trajetórias marcadas por influências de familiares homens com longa tradição de envolvimento nos festejos de reinado.

A questão do cuidado, que envolve as redes entre mulheres capitãs é crucial para perceber como elas se organizam e criam novas formas de participação nos festejos. A maioria delas para se dedicar e cumprir as obrigações impostas pela festa de reinado contam com as ajudas de parentes e vizinhas, que cuidam dos filhos menores. Mas um ponto que chamou a atenção na fala de uma das entrevistadas foi a alta rotatividade que

ocorrem entre as dançadoras. Geralmente enquanto elas estão solteiras e sem filhos participam ativamente dos cortes, o que não acontecem quando se casam.

Apesar de perceber que, no geral as congadas de Santo Antonio do Monte são marcadas pela presença de homens na posição de capitão, figura que conduz e organiza o grupo, é interessante observar que as mulheres enquanto liderança estão, pouco a pouco, assumindo uma posição de destaque, deixando diversificado o cenário festivo. Ou seja, existem aquelas que dançam e tocam instrumentos, outras que fazem os papéis de rainhas e princesas, mas que também estão assumindo outras posições que nem sempre foram permitidas a elas, como o posto de capitã.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário. **Danças dramáticas do Brasil**. Sao Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

CARNEIRO, Edson. **Antologia do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S/A, s/d.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Global, [(1954) 2010].

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da Congada: a renovação do presente pelos Filhos do Rosário**. Curitiba: Appris, 2012.

BARBIERI, Teresita. Sobre a Categoria Gênero: Uma introdução teórico - metodológica sobre as diferenças. In: **Revista Interamericana de Sociologia**. Ano VI, n. 2-3, mai-/dez, 1992.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: Contribuições a uma Sociologia das interpenetrações de civilizações**. São Paulo: Editora USP, [(1960), 1971]. v. 1.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Festim dos Bruxos: estudos sobre a Religião no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Ícone, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na rua**. Campinas: Papirus Editores, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras: os Arturos**. Juiz de Fora: MinC/EDUFJF, 1988.

MEDEIROS, Mariade Lourdes Pereira de. **Mestras da cultura popular**: a presença feminina nas brincadeiras populares em estados do Nordeste, a atualidade. [Monografia de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, 2016. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2254/1/artigo_lourdes_medeiros.pdf. Acesso em: 20 out. 2018.

PAULA, Marise Vicente de; RATTS, Alex. As relações de gênero nas congadas de Catalão/GO. **Espaço em Revista**, Catalão, ano 1, v. 11, jan./jun, 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/13674-57453-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/13674-57453-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 30 out. 2018.

QUEIROZ, Laércio. **Mulheres repentistas**: cantadoras emboladoras e mestra de maracatu de baque solto. [Tese de Doutorado em linguística]. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11721/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

RABAÇAL, Alfredo Joao. **As congadas no Brasil**. São Paulo: Sec. da Cultura, Ciência e Tecnologia/Conselho Estadual de Cultura, 1976. (Coleção Folclore n. 5).

RAMOS, Arthur. O folclore negro do Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Casa do Estudante do Brasil, 1935.

RAMOS, Arthur. O negro brasileiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Cia. Editorial Nacional, 1940.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a economia política do sexo. Recife : S.O.S Corpo. 1993. pp. 01-32.

SALEM, Tania. Com a venda nos olhos. In: FRANCHELLO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V. C.; HEILBORN, Maria Luiza. **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. v. 1.

SANTOS, Francisca Pereira dos. Cantadoras e repentistas do século XIX: a construção de um território feminino. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.º. 35, jan./jun, 2010.

SILVA, Rubens Alves da. Em nome da mãe: tradição e performance na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte. In: PEREZ, Léa Freitas et al. (Orgs.). **Variações sobre o Reinado**: um rosário de experiências em louvor a Maria. Porto Alegre: Ed. Medianiz, 2014. pp. 145-161.

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? In: **Estudos Afro-Asiáticos**. n. 20, 1991. pp. 101-119.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro -1947-1964. Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.